

PONDAL E O CELTISMO: GALIZA, DE GENTE DE BREOGÁN A NAÇÃO DE BREOGÁN

Luís G. Soto

Ressurgimento e celtismo

O poeta Eduardo Pondal (Ponteceso, 1835 – A Corunha, 1917) encontra-se entre as figuras que com a sua obra mais têm contribuído a despertar o interesse pelo celta e a espalhar o celtismo na Galiza.

Com Rosalia de Castro e Manuel Curros Enríquez, Pondal protagoniza o Ressurgimento, propriamente a nascença, da literatura em língua galega no século XIX. Os textos basilares e capitais são: *Cantares gallegos*, de Rosalía, em 1863; *Follas novas*, de Rosalia, e *Aires d'a miña terra*, de Curros, em 1880; e *Queixumes dos pinos*, em 1886, de Pondal.

Pois bem, os celtas gozam de uma notável presença em *Queixumes dos pinos*. Assim, os celtas e o celta, sob várias denominações, funcionam como metáforas que servem para identificar e caracterizar Galiza e com isso propiciar a aparição, além de na literatura, da nação galega.

Nessa linha, Pondal é autor do hino galego. Quer dizer, escreveu um poema, “Os pinos”, com essa finalidade: tornar-se o hino da Galiza. E conseguiu-se. Primeiro, popularmente; depois, oficialmente. “Os pinos”, escrito em finais do século XIX, foi adotado pelo movimento político-cultural galeguista e progressivamente pelo povo, desde inícios do século XX, como hino galego, convertendo-se em oficial da Galiza em 1984. Neste poema, o celta está presente através de Breogán, sendo Galiza denominada “fogar de Breogán” e “nação de Breogán”.

Em suma, para fazermo-nos uma noção do celtismo, e a sua significação em Pondal, vamos revisitar o que se diz acerca dos celtas e de Breogán em *Queixumes dos pinos* (Pondal 1886; 1996) e no hino galego, o poema “Os pinos” (Pondal 2001: 16-20; 1996: 111-113). Referirei os poemas de *Queixumes dos pinos* pelo seu número arábigo na edição galega (Pondal 1886; 1995) e pelo seu número romano na edição portuguesa (Pondal 1996). Adapto o texto ao português, mas conservo a toponímia e antroponímia galega. Sigo a minha indagação sobre Pondal (Soto 2019), na revisitação de ambas as temáticas, “os celtas” (189-193) e “gente de Breogán” (193-199), em *Queixumes dos pinos*.

Os celtas

O gentílico celta desfruta de uma abundante presença: figura em treze poemas, tendo quase trinta ocorrências. Regista-se duas vezes “céltico” (45-XLV, 77-LXXVII) e em quatro ocasiões “celta” (30-XXX, 33-XXXIII, 41-XLI, 43-XLIII), duas com nome próprio, o “pastor” Temunde (33-XXXIII) e o chefe Folgar (41-XLI). Nas restantes ocasiões, mais de vinte, sai a denominação coletiva “celtas”. Apesar da sua notável presença, o gentílico celta é empregue pouco para designar Galiza e/o os galegos. Há, pelo menos, duas razões: porque celta faz referência ao antigo e porque o presente não guarda continuidade nem está em concordância com esse passado.

Chão

Em três ocasiões, o celta, referido ao “chão” serve para designar Galiza (12-XII, 45-XLV, 76-LXXVI). Nos três casos, trata da Galiza contemporânea dos *Queixumes dos pinos*. No primeiro, a “terra” de Bergantiños está “tendida”, estende-se, sobre o “chão dos antigos celtas” (12-XII). No segundo, a “boa terra natal” é fendida, arada e trabalhada, “no céltico chão” (45-XLV). No terceiro, os “campos de Suévia” são “dos celtas nobre asilo” (76-LXXVI).

Associado a Bergantiños (12-XII) e a Suévia (76-LXXVI), o chão dos celtas é identificável com Galiza, não apenas como localização, mas também como entidade histórica, com alguma consciência de si e vontade de seu (sublinhadas em 76-LXXVI, mas não ausentes em 12-XII). No segundo caso, a identificação do “céltico chão” com Galiza é mais complexa, porque o salientado, no poema (45-XLV), é o sujeito histórico-político: a “raça”, “estirpe” e “gente” de Breogán, que trabalha a “terra natal” e pela “terra verde”, para a tirar do “olvido”, no quadro da libertação concertada dos “povos ibéricos”, no horizonte de uma comunidade ibérica e até ibero-americana.

Nos três casos, o “chão” dos celtas aparece como um substrato, cujo contacto vivifica o estrato: a “terra de Bergantiños” (12-XII), a “terra natal” e a “terra verde” (45-XLV), os “campos de Suévia” (76-LXXVI). Os celtas passaram, pereceram e desapareceram, mas no chão em que moraram e onde morreram ficam alguns restos ou alguns rastos seus que, estando inativos, podem, no entanto, ser ativados.

Povo?

Lendo *Queixumes dos pinos*, cabe pensar que os celtas som, foram, um povo da antiguidade. Em quase todas as menções, são ligados explicitamente ao tempo antigo (12-XII, 14-XIV, 30-XXX, 33-XXXIII, 37-XXXVII, 41-XLI,

45-XLV, 51-LI) e, alguma vez, implicitamente (43-XLIII, 50-L). Pouco sai o antigo, a “antiga idade” (31-XXXI), que não tenha a ver com os celtas: a antiguidade mitológica (19-XIX), o passado dos povos ibéricos (45-XLV, 75-LXXV), a antiguidade geológica ou cosmológica (16-XVI, 58-LVIII, 68-LXVIII, 81-LXXXI). Em suma, os celtas pertencem à antiguidade histórica (pré-histórica ou proto-histórica), que ademais, tratando-se da Galiza, representam. Mas, não são qualificados nunca como povo. Esta denominação fica reservada aos “povos ibéricos” (45-XLV) e também, curiosamente, ao povo galego, seja em positivo, tacitamente aludido, como “o povo que luta” (77-LXXVII), seja em negativo, expressamente censurado, como “povo tão só envaidecido” da “gleba” (81-LXXXI). Este fica também englobado na menção genérica dos “povos em baixaza sumidos” (81-LXXXI) e dos “povos ignaros” (91-XCI).

Povoadores antigos

Os celtas encaixam na categoria de povoadores: aqueles que povoaram e “vi-rão” ainda “povoar nosso eido” (43-XLIII). O “nosso eido”? Designadamente, o Támara (43-XLIII); por extensão e analogia, Galiza. Seriam semelhantes aos seus “filhos” (nomeadamente, os de “Breogán”), a “estirpe” “emigrante”, que modernamente “povoam” América (45-XLV). Mas, à diferença destes que se integram nas culturas e sociedades americanas existentes, os celtas possuíam uma sociedade e uma cultura próprias.

Segundo vemos, auscultando apenas os poemas em que são mencionados os celtas, estes habitantes antigos vivem em castros (43-XLIII, 51-LI), praticam o pastoreio (33-XXXIII) e a caça (14-XIV, 30-XXX, 50-L), talvez a agricultura, mas esta parece a atividade dos seus “filhos” modernos (12-XII, 45-XLV, 51-LI), contemporâneos e conterrâneos dos *Queixumes dos pinos*, não refugam a guerra (30-XXX, 33-XXXIII, 41-XLI), possuem uma cultura oral, os cantos e narrativas bárdicos (14-XIV, 30-XXX, 37-XXXVII, 41-XLI, 43-XLIII), e material funerária (14-XIV, 30-XXX, 33-XXXIII, 41-XLI). A menção de uma “virgem dos celtas”, na realidade uma “fada” (51-LI), pode fazer pensar em alguma religiosidade. Ainda cabe assinalar algumas paisagens habituais e prediletas suas: vales (14-XIV), pinhais (30-XXX), etc. Lembremos, e salientemos, a presença e papel das mulheres nessa coletividade: não só combatem homens, guerreiros e heróis como Brandomil (33-XXXIII), senão também mulheres, heroínas, como Maroñas (41-XLI); não só cantam bardos, como Lugar (37-XXXVII) ou Margaride (41-XLI), senão também mulheres, como Maymendos (43-XLIII); não só caçam os homens, senão também mulheres, como Rentar (14-XIV) e Baltar (50-L).

Antepassados, sucessores

Isto tudo foi antigamente. Mas, nos tempos e no espaço dos *Queixumes dos pinos*, na Galiza do XIX, ainda fica algo, na verdade, bastante. Conserva-se, primeiro, a geografia física: é possível transitar as paisagens que foram dos celtas e até contemplá-las transmutadas em natureza histórica ou história natural. Os celtas, individual e coletivamente, eram semelhantes aos pinheiros (14-XIV, 30-XXX): agora, em ausência daqueles, estes (como também os castanhos, 37-XXXVII; ou um carvalhal, 67-LXVII) lembram os celtas, e os pinheiros até falam, fungam, por eles. Conservam-se, também, os “castros” (43-XLIII, 51-LI), que com a sua presença também falam deles, como obra deles (51-LI) e semelhantes a eles (43-XLIII). Conservam-se, igualmente, os “sepulcros” (14-XIV, 30-XXX, 41-XLI): dolmens (14-XIV), antas (33-XXXIII), etc. Conservam-se, ainda, os nomes: seja como topónimos, como Brandomil (55-LV) e Maroñas (41-XLI); seja ainda como antropónimos, como Rentar (18-XVIII) ou Gundar (14-XIV).

Contudo, destes “antepassados” (30-XXX), os seus sucessores, não necessariamente descendentes, contemporâneos e conterrâneos pouco ou nada sabem e, pior ainda, querem. Em Suévia, naquela época, os “filhos dos celtas cumprem serva e inobre vida” (35-XXXV). Vivem mormente do campo (45-XLV, 51-LI), mal, e emigram, como a bergantiñá (12-XII), Rentar (18-XVIII) e muitos (45-XLV). Na emigração, e nomadismo, têm precedente nos antigos celtas (30-XXX). Não se comportam como esperavam Temunde (33-XXXIII) e Maymendos (43-XLIII): reconhecendo e admirando o memorial do “valente Brandomil” (33-XXXIII), reconhecendo e prolongando o “tempo antigo” (43-XLIII). São um “povo” da “gleba” (81-LXXXI): ignaro, i.e., ignorante, e ignavo, i.e., indolente (e cobarde), em suma, sem consciência de si e sem vontade de seu. Há, no entanto, exceções: o “povo que luta” (77-LXXVII), com as suas figuras singulares (67-LXVII) e movimentos coletivos (76-LXXVI).

Essência: referência

Os celtas fazem parte, como um elemento essencial, das denominações metafóricas da Galiza, sejam estas do passado, nomeadamente Brigándsia (14-XIV) e Finián (30-XXX), ou sejam estas do presente, Erín (51-LI), ou do presente e futuro, Suévia (35-XXXV, 76-LXXVI). A exceção, pela sua origem grega, é Messénia. E também fazem parte, os celtas, das denominações metonímicas, em concreto, Bergantiños e Xallas. O celta é um componente essencial: mas, não como atributo ou característica (fora das denominações

antigas, Brigándsia e Finián), senão como referência ou coordenada. Dito por outras palavras, os galegos contemporâneos não são celtas, mas podem definir-se com relação a esse eixo, tomando os celtas como referência ou coordenada. Vemo-lo, paradigmaticamente, com a gente de Breogán.

Gente de Breogán

Breogán é um antropónimo, muito pouco definido, que poderia passar por um topónimo: “gente de Breogán” (1-I, 90-XC), “terra de Breogán” (25-XXV), “raça de Breogán” (45-XLV), “filhos de Breogán” (67-LXVII). Até nestas duas últimas menções poderia indicar a procedência. Mas, trata-se do nome de um homem, um herói de quem nada se diz em *Queixumes dos pinos*. Breogán é o protótipo que dá, não origem, mas nome à “raça”, à “estirpe”, aos “filhos”, à “gente” (45-XLV). É o nome que agrupa, ora por filiação (raça, estirpe, filhos) ora por adoção (filhos, gente).

Filiação

Filiação e adoção são termos que há que perceber em sentido amplo e aberto. Filiação não remete a uma paternidade originária única e uma genealogia linear rígida, de onde e segundo a qual derivariam a raça, a estirpe, os filhos. Filiação é o vínculo que se estabelece e mantém através de sucessões, mestiçagens e hibridações: quanto a isto, é muito significativa, e conclusiva, a alusão à “estirpe” “emigrante” e os “filhos” que “povoam” o continente americano (45-XLV). E a adoção é um vínculo estabelecido pelos filhos, reconhecendo uns maiores e ligando-se com eles e entre si. Basta pensar, significativamente, nos poemas primeiro (1-I) e penúltimo (90-XC): é “gente de Breogán” quem recolha o “sinal” e assuma o “combate”, nomeadamente, o “bergantiñán” (1-I) e o “sonoroso” (90-XC), um conterrâneo e contemporâneo seu indefinido. Ora, esse bergantiñán, natural de Bergantiños, e mais ainda esse “sonoroso”, que não tem de ser bergantiñán, não é apenas celta, mas também romano, suevo, hispânico, ibérico, americano, europeu, com raiz e selo clássicos gregos, ... e até galego, segundo vai constando nos poemas de *Queixumes dos pinos*.

Formação

No poema (1-I), surge a “gente de Breogán” como possível designação da Galiza, que apareceria como povo organizado. Este seria o terceiro, e último, termo de um processo de analogias e equivalências: pinheiros (de Ponte-Ceso”, de Bergantiños) = “gente de Breogán” = povo da Galiza. Num

primeiro momento, os pinheiros passam de “massa escura informe” a agrupamento ordenado, “em” esquadrão “formados” (1-I). A visão da massa informe deixa passo à noção de formação, de agrupamento ordenado. Num segundo momento, o esquadrão de pinheiros é comparado, e identificado, com “gente de Breogán” (1-I). Esta segunda transformação, esta nova visão, reforçada —vivificada— pelo “fungar” dos pinheiros, suscita a reação do “bergantiñán”: “cuida que do combate murmuram” o sinal (1-I). E acolher esse sinal representaria o terceiro passo: enfrentar a realidade, pelo menos a virtualidade, do povo da Galiza. Esta reação, este processo, é o esperável do “bergantiñán” (1-I), do “sonoroso” (90-XC) e, em geral, de quem ler *Queixumes dos pinos*. Esperável, mas nem muito menos seguro.

Entendimento

Essa hipotética reação, e a confrontação com Galiza, arranca da confluência de uma experiência interior, as “suidades” do bergantiñán e do “sonoroso” (1-I, 90-XC), e um objeto exterior: a visão (e audição) dos pinheiros. Ora, este encontro é tratado nesses poemas (1-I, 90-XC), elidindo o objeto e reclamando, para a sua identificação, o envolvimento do sujeito leitor. A comunicação, e compreensão, do facto, a visão (e audição) das árvores, exige que quem ler identifique os pinheiros, não apenas no título e no conjunto do livro, mas também, e sobretudo, fora do texto. Deve olhar para fora e ver os pinheiros, estabelecendo na compreensão uma cumplicidade entre o bergantiñán, o autor e a pessoa que lê. Surge no primeiro poema (1-I), e ratifica-se no penúltimo (90-XC), uma comunidade de entendimento, que poderia —e deveria— ser, também, uma comunidade de ação. Pelo menos, é o esperável, em consequência de ler e a ler o poemário.

Em concreto, é esperado que a pessoa que ler estes poemas (1-I, 90-XC) repita o gesto, que ela fez para identificar os pinheiros, e procure ao longo do livro e fora do livro a “gente de Breogán” e o seu “combate”. Quem é essa gente? De que combate se trata? Quem ler poderá —e deveria— buscar significações e referências dentro e fora de *Queixumes dos pinos*.

Uma plêiade de fortes no lutar

Seguindo o fio de Breogán, no poema (45-XLV) acham-se respostas para essas questões: quem é a “gente de Breogán”? Qual, e como, é o “combate”? Em sentido amplo, a “gente” é a “raça”, a “estirpe”, os “filhos”: os indivíduos saídos do “céltico chão” (45-XLV). Mas, em sentido estrito, a “gente de Breogán” é a “nobre plêiade de fortes no lutar” (45-XLV). Esta plêiade é

uma parte da “gente” que tem a pretensão de representar toda a “gente”: de facto, os “fortes” estão empenhados numa empresa de representação, e não só, de todos os demais “filhos”. E nessa empresa, e tarefas, radica e consiste o “lutar” (45-XLV).

Pelo geral, os “filhos” de Breogán vivem do trabalho e para trabalhar: são sujeitos agentes económicos. Designadamente, uns, lavram a “boa terra natal”; outros, muitos, “emigrantes” realizam os mais diversos ofícios na “espaçosa Colômbia”, i.e., na América (45-XLV). Por outra parte, alguns “filhos” de Breogán, precisamente aqueles que se sabem e se querem filhos seus, são sujeitos agentes políticos: o seu trabalho, o seu empenho, é a organização, a ordenação. É a plêiade de fortes. A sua luta é política, não militar. O seu combate não é a guerra, senão a política: não é com as armas, mas com as palavras. Os seus “férreos propósitos” vão encaminhados a tirar “do olvido” a “terra verde”, a vingar, i.e., reverter a “prevenção ignava” e a “estultícia cervical” (45-XLV). Tanto esta tarefa construtiva, de recuperar a consciência e estimular a vontade, como o labor de defesa, a vingança de “ultrajes” e injúrias, deve ser feita discursivamente, por meios pacíficos, figurados pelo “garrido instrumento”, a harpa bárdica (45-XLV).

A “plêiade dos fortes” é o nome de um movimento coletivo de “filhos” de Breogán que, tendencialmente, ativará toda a “gente de Breogán” (45-XLV). A sua luta é labor de políticos e intelectuais, muitos destes, pois o combate livra-se não apenas no terreno da política, mas no campo da cultura. Corresponde a estes “filhos de Breogán” deitar “luz” (45-XLV, 67-LXVII). Como fazem os bardos, como Gundar (67-LXVII), e as fadas, como Bergantiños (81-LXXXI). A sua luz e ação de libertação iluminam e implicam a “terra verde” e, com ela, os “povos ibéricos” (45-XLV), a “caduca Ibéria” (67-LXVII).

Máquina bélica: luta política

Ora bem, tanto no poema (1-I) quanto no poema (90-XC), o contexto original da gente de Breogán é o mundo e a história antigos, onde o “combate” é a guerra. É o tempo e o espaço antigos das guerras de sobrevivência, livradas contra a servidão, evitada ao preço da morte, como ilustram os celtas (exemplarmente: Maroñas, 41-XLI) ou os gregos (paradigmaticamente: Espártaco, 72-LXXII, 91-XCI). Além disso, a “guerra” é a ocasião para salientar a “ordem” (30-XXX): a ordenação dos movimentos da povoação, os esquadrões (1-I, 30-XXX, 90-XC); e a ordenação dos estabelecimentos da povoação, os castros (43-XLIII, 51-LI). Em suma, o que aparece, nestes

poemas (1-1, 90-XC) é uma máquina de guerra: o reto é ver nela, fazendo uma transposição moderna, um aparelho de estado.

Variações

Do primeiro (1-1) ao penúltimo poema (90-XC), dão-se algumas variações importantes: no protagonista, na informação, na receção.

O protagonista não é o “bom bergantiñán” (1-1), que canta “pelo baixo”, senão o “sonoroso” (90-XC), que canta “pelo alto”. O “sonoroso” é quem se incorpora ao canto, representa todos os que o fizeram e aqueles que o poderiam fazer. Será um cantor (em) galego, bergantiñán ou não.

A informação: no poema inicial, quase não havia. Era a fornecida pelo título, os créditos do livro, o texto em exergo. Quem começar a ler tem como bagagem apenas isso e a sua própria cultura. No poema (90-XC), todos os anteriores forneceram informação acerca das “suidades”, a “pátria”, a “servidão”, ... a “gente de Breogán”, o “combate”, o sinal, etc.

Finalmente, a receção: com toda essa nova bagagem, a proporcionada por *Queixumes dos pinos*, o esperável não é já um ato de conhecimento, a identificação “de”, mas um ato de vontade, a identificação “com”. Agora (90-XC), é muito más fácil, que outrora (91-XCI), identificar a “gente de Breogán”, mas persiste, mesmo acrescentada, a dificuldade para se identificar com a “gente de Breogán”. Por outras palavras, seria mester passar de uma comunidade de entendimento a uma comunidade de ação.

Auto-organização

No primeiro poema (1-1), a experiência visionária, o processo de conversão da massa informe em esquadrão formado, conclui com o aparecimento de uma união social votada a um combate: a “gente de Breogán”, que “s’ aprest’ a lutar”. Qual é a natureza, e origem, dessa formação, a gente de Breogán? Qual é a natureza, e finalidade, dessa função, o combate? Estas interrogações ficam em suspenso, à espera da hipotética informação proporcionada no resto do poemário. Mas, de alguma maneira, acham resposta, pelo menos uma resposta no poema (1-1). E é uma resposta que encaminha a resolução posterior.

Recorrendo à teoria das quatro causas (material, formal, eficiente e final), cabe suster que no processo visionário há uma matéria, a massa informe, que se destaca e separa do fundo da natureza, ao tomar uma forma: a formação militar. Temos uma causa material e uma causa formal, faltam a causa eficiente e a causa final. Uma resposta, sugerida pelo próprio processo

visionário ou experiência alucinatória, consiste em superpor as causas, de jeito que, primeiro, a causa material (a massa informe) é também a causa eficiente e, segundo, a causa formal (a formação militar) é também a causa final. Por outras palavras, a massa é matéria e agente da mudança; a formação, ou ordem, é a forma e a finalidade da operação. Não é um jogo de palavras, é a descrição de um processo de auto-organização. Com certeza, as interrogações acerca da origem e a finalidade persistem, além da auto-organização.

Comunidade autónoma

No penúltimo poema (90-XC), a informação fornecida ao longo do poemário ou, como fizemos, visitando o relativo a Breogán e nomeadamente o poema (45-XLV), permite sustentar que a “gente de Breogán” (1-I, 90-XC) é uma parte dos “filhos” de Breogán, uma plêiade de “fortes” (45-XLV) empenhada em mudar as relações que esses “filhos” mantêm entre si, como indivíduos e como coletivo, e com aqueles outros, designadamente os “povos ibéricos”, com que esses “filhos” estão em relação, mormente antagónica e escassamente cooperativa.

Voltando à teoria das quatro causas, cabe agora afirmar que a origem e a finalidade da auto-organização é uma sociedade organizada, quiçá só pressuposta na auto-organização, que, no entanto, é apenas uma instituição social no seio daquela. Não é um quebra-cabeças: agora, a causa eficiente e a causa final coincidem numa comunidade autónoma, de existência e essência moral. Primeiro é uma comunidade de entendimento (de compreensão e cumplicidade acerca de significações e referências), depois pode devir comunidade de ação (de compreensão e compromisso acerca de valores e factos).

Para essa comunidade autónoma, em parte ideal e em parte real, a designação “gente de Breogán” é inadequada, mas pode servir como ponto de partida na procura e desenvolvimento de uma entidade e identidade de si e de seu.

Nação de Breogán

Uns anos depois de *Queixumes dos pinos*, em finais da década de 1880, Pondal aceitou a proposta de tentar redigir um hino para a Galiza, em colaboração com o músico Pascual Veiga (Ferreiro 2007: 11-64). De facto, este influiu na redação definitiva, pedindo a Pondal que adequasse o texto, atendendo ao ritmo e a acentuação, para ser cantado. O resultado final, apresentado num certame musical organizado na Corunha em 1890 (Pondal 2007), é o poema “Os pinos”, que com o tempo, se tornará hino oficial da Comunidade Autónoma da Galiza (Ferreiro 2007: 64).

O poema consta de nove estrofes, mas o texto oficial só inclui as quatro primeiras, que foram as cantadas e popularizadas (sobretudo, as duas primeiras) ao longo do século XX. Entre a versão original (1890) e a atual oficial (1984) há algumas pequenas variações que, por considerar-se alheias à vontade do poeta, são objeto de controvérsia. Na transmissão, essencialmente popular, o hino acumulou erros e deformações em sucessivas edições (Ferreiro 2007: 73-79). A versão oficial restaura, no geral, o poema original, com algumas pequenas diferenças (Ferreiro 2007: 99-102). Fundamentalmente, atingem a dois vocábulos: clã/chão (galego: clan/chan) e férridos/féridos.

Aos nossos efeitos, no poema “Os pinos” resulta significativo: que não se emprega a palavra Galiza e, para a designar e caracterizar, recorre-se a denominações metafóricas e metonímicas; que entre estas estão “fogar de Breogán” e “nação de Breogán”; que, além disso, aparecem outros elementos celtas ou assimiláveis ao orbe celta (castros, clã ou chão, bardos); que Pondal, numa versão impressa por ele conservada, riscou o título “Os pinos” e escreveu “Breogán” (Pondal 2007: 10-11). Os três primeiros traços estão em continuidade com o dito acerca do celta como elemento identificador e caracterizador de Galiza. O último, a substituição no título de “Os pinos” por “Breogán”, não passou de uma correção manuscrita sem efeito nas edições posteriores do hino.

Porém, esse deslocamento dos pinheiros por Breogán permite fazermos uma especulação: que Pondal, nessa altura, talvez pensava que os portadores da mensagem, nomeadamente o hino, não eram apenas os pinheiros, mas também Breogán, sendo este nome a representação não apenas “de” gente de Breogán, a plêiade de fortes no lutar, senão “da” gente de Breogán, a “grei” de “filhos” e “filhas”, a “nação” (Pondal 2001: 17-18; Pondal 1996: 112-113). Por outras palavras, a nação não seria apenas a destinatária, mas também a enunciativa do hino.

Em todo o caso, essa passagem de Galiza, de objeto a sujeito, a conversão do destinatário em enunciador, deu-se ao ser assumido este poema como hino, ao longo do século XX, pelo povo.

Algumas conclusões

Em suma, na nossa opinião, o celta aparece como um elo esquecido, mas recuperável, na história da Galiza. Esta, no século XIX, apenas subsiste, habitada por um povo ignaro e ignavo da sua condição. O celtismo é um fermento importante na potencial conformação de uma entidade e identidade nacionais galegas. Ora, essa potencialidade reside, não tanto num

conteúdo cultural, mas no gesto estético, moral e político que o conhecimento (e reconhecimento) do celta, entre outros elementos, propicia: um empreendimento coletivo, o estabelecimento de uma comunidade.

Bibliografía

- Ferreiro, Manuel (2007), *De Breogán aos pinos. O texto do Himno Galego*, Santiago de Compostela: Laiovento, 4ª ed.
- Pondal, Eduardo (1886, 2016), *Queixumes dos pinos*, A Corunha: La Voz de Galicia.
- Pondal, Eduardo (1995), *Poesía galega completa I. Queixumes dos pinos*, Edición de Manuel Ferreiro, Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Pondal, Eduardo (1996), *Queixumes dos Pinheiros e Outros Poemas*, Edição de Ângelo Brea, Pontevedra-Braga: Cadernos do Povo.
- Pondal, Eduardo (2001), *Poesía galega completa II. Poemas impresos*, Edición de Manuel Ferreiro, Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Pondal, Eduardo (2007), “Certame Musical de 1890”, in VV.AA., *O Himno Galego. Documentos históricos 1890-1907*, A Corunha: Universidade da Coruña – Universidade de Santiago de Compostela – Universidade de Vigo, documento 03.
- Soto, Luís G. (2019), *Outros e novos queixumes. De filosofía e literatura en Queixumes dos pinos de Eduardo Pondal*, Santiago de Compostela: USC-Editora.